## mundo sem fronteiras

## Um demolidor elegante e otimista

O geógrafo Milton Santos, cuja obra é relançada, percebia o mundo como um viveiro de possibilidades

Francisco Quinteiro Pires

Milton Santos define a clarividência como sendo a dosagem entre intuição e estudo no espírito de um homem. Quando deu essa definição no documentário Encontro com Milton Santos ou O Mundo Global Visto do Lado de Cá, de Silvio Tendler, o geógrafo baiano referia-se a Josué de Castro, de quem recebeu sólida influência intelectual. "Mas ele falava de si mesmo também", diz o cineasta. "Milton Santos era um bruxo", concorda a professora aposentada da USP Maria Adélia Aparecida de Souza.

Como são poucos os homens clarividentes de fato, só por esse motivo poderia ser válida uma consideração especial a respeito de Milton Santos (1926-2001). Ele entra para a história intelectual do País não só por antever as perversidades da globalização e osfenômenos mundiais da urbanização, mas por ter revolucionado a geografia, ao entendê-la como uma ciência humana e não natural. Nessa perspectiva, ele se torna um intelectual que mira o mundo como um viveiro de possibilidades e não como um amontoado de realidades.

Suas idéias resgatam o que há de humano dentro do espaço geográfico, o qual se transforma em instância social - categoria de análise e interpretação tão fundamental quanto a cultura, a economia e a política para entender as características estruturais dos países. Ele fazia a nação falar por meio desse conceito da geografia. "Os cientistas sociais tiveram dificuldade de entender a proposta de que o espaço é sinônimo de sociedade, é uma paisagem reveladora do território, cujo uso material é feito por sujei-

## ELE NÃO COMBATIA A GLOBALIZAÇÃO EM SI, MAS O MODO COMO ELA É REALIZADA

os sociais", diz Maria Adélia "O espaço materializa as relações sociais", explica o geó-grafo Wagner Costa Ribeiro, colega de Milton desde 1988. O estudo da urbanização dos países do Terceiro Mundo mostra como os pobres vão se concentrando nas cidades, onde, se não conseguem emprego, têm mais chances de achar trabalho, mesmo que precário e provisório. Produtora de uma estrutura de sociodiversidade, essa concentração possibilita transformações políticas e sociais. "Segundo Milton, as mudanças viriam dos pobres", diz Ribeiro.

Para entender por que o geógrafo baiano tinha essa convicção otimista é preciso primeiro saber que ele não era um combatente da globalização em si, mas do processo globalizante tal como realizado atualmente no planeta. "Milton via a globalização como um sonho coletivo da humanidade, que foi expropriado por um punhado de empresas monopolistas", diz Silvio Tendler, que fez uma longa entrevista com ele em janeiro de 2001, cinco meses antes da morte do intelectual brasileiro, e a transformou em documentário. O primeiro contato do documentarista como professor foi em Paris, em 1995, por conta de um filme que Tendler realizava sobre o médico pernambucano Josué de Castro (1908-1973).

"O ambiente globalizado onde se realizam as trocas mercantis é apropriado por poucas empresas, que produzem o convencimento de que os seus negócios são bons para todas as nações", explica a geógrafa argentina Maria Laura Silveira, que escreveu com o intelectual baiano Brasil: Território e Sociedade no Século 21 (Record, 490 págs., R\$ 58), no qual são apresentadas pesquisas de



REVOLUCIONÁRIO - Teorias do professor baiano, influenciado por Jean-Paul Sartre, resgatam o conteúdo humano do espaço geográfico



Quando este livro foi publicado em 1978, a geografia estava em crise no mundo todo – impunhase a necessidade de discussões de ordem metodológica, conceitual e epistemológica. O autor propõe neste clássico uma análise rigorosa do objeto da ciência geográfica – o espaço – e mostra a necessidade de tornálo verdadeiramente humano.

ton, conquistador de discípu-

los pelos países onde lecionou.

A inteligência fulgurante e a



edição é em francês (1975). Milton Santos busca uma teoria do espaço e da urbanização no Terceiro Mundo. O fenômeno do subdesenvolvimento carece de um esforço de compreensão global. Apoiado em exemplos baseados na África, na América Latina e na Ásia, o autor faz interpretações sobre o subdesenvolvimento e as suas repercussões na vida das populações.



A NATUREZA DO ESPAÇO: O espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações. Com base nessa idéia e nas noções de técnica e de tempo, de razão e de emoção, o autor apresenta neste livro, de 1996, a construção de um pensamento que busca entender o espaço geográfico, levando em conta a nova realidade trazida pelo processo de globalização que se instalava à época.



POR UMA OUTRA GLOBALIZA-ÇÃO: O geógrafo defende a necessidade de nova interpretação do mundo contemporâneo, que destaque a ideologia na produção da História. A proposta desta obra (2000) é construir um novo universalismo, diferente daquele em que o progresso técnico é aproveitado por um pequeno número de atores globais em benefício exclusivo.

personalidade solidária, de tramais de 20 anos feitas por Milto afável e traço elegante, são ton-o crescimento econômico suas principais marcas, segune populacional mais acelerado do a descrição dos entrevistanas cidades médias do que nas dos que conviveram com o acametrópoles, no fim do século dêmico dadas ao Estado. 20, é uma das principais con-No entendimento de Milton clusões desse trabalho. "A mi-Santos, a globalização em um croeconomia da firma se con-"mundo confuso e confusamenfunde com a macroeconomia te percebido" deve ser considedos países", resume Maria Laurada a partir de três enfoques: ra, que se radicou no Brasil em o mistificado, o real e o possível. 1991 para trabalhar com Mil-

"O primeiro seria o mundo tal

como nos fazem vê-lo: a globali-

zação como fábula; o segundo

seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização", ele escreve no estilo sintético e cortante que lhe é característico em Por Uma Outra Globalização – Do Pensamento Único à Consciência Universal (Record, 176 págs., R\$ 32).

Diante desse fenômeno mundial excludente, Milton alertava para o uso da trinca chamada de "técnico-científico-informacional" – trazida no bojo da

globalização – pelos menos favorecidos, que com ela tomam contato ao viver em grandes aglomerações urbanas. Trocando em miúdos, os pobres se apropriam à sua maneira das técnicas e tecnologias tornadas disponíveis no espaço geográfico pela sociedade global. "A difusão da informação em tempo real, antes somente manipulada para servir à acumulação financeira de bancos multinacionais, que têm interesses privados, se materializa em celulares

e computadores, que podem ser usados por manifestantes na periferia de Paris ou dentro do sistema prisional brasileiro", exemplifica a professora Maria Adélia, que, ao analisar a manipulação dos meios técnicos pela massa, prefere não atravessar essa análise por um julgamento moral. Os refugados pela globalização se apropriam da tecnologia e das informações e, sem mediação do po-

## NO BRASIL, O CIDADÃO É SUBSTITUÍDO PELA FIGURA PASSIVA DO CONSUMIDOR

der, traçam lentamente estratégias políticas de ação, na explicação da geógrafa, que se tornou amiga de Milton em 1966, depois de um fato inusitado: uma trombada com ele, quando corria apressada para se encontrar com o economista Celso Furtado, seu orientador. Antes do encontrão no meio da rua, ela tinha saído de uma livraria, ao lado da Sorbonne, onde comprara duas publicações do professor baiano, cujas idéias despertavam já admiração.

A organização do espaço geográfico é feita para atender à volúpia consumista, um ópio mais poderoso do que a religião. Essa é uma das teses centrais de Mil ton Santos em O Espaço do Cidadão (176 págs., R\$ 35), relançamento mais recente da Edusp, que desde 2002 reedita as obras esgotadas do geógrafo. Publicado originalmente em 1987, esse livro lança luzes sobre o projeto de país criado pela Nova República, sucessora do regime militar, que obrigou Milton a perambular como exilado, a partir de 1964, por países como França, Estados Unidos, Ve nezuela e Tanzânia. Ele voltou em definitivo ao País em 1978, mas encontrou hostilidade no meio universitário para ser reaceito como docente, o que ocorreria alguns anos depois. A passagem pela academia francesa durante o exílio é essencial na formação intelectual do professor. A vivência na Europa mostra-lhe também o atraso brasileiro no que se refere às conquistas sociais, que se intensificaram no Velho Continente sobretudo depois da 2ª Guerra Mundial com o surgimento do Estado de Bem-Estar Social.

Neste relançamento, ele manifesta com exuberância a sua característica de "filósofo da geografia" – na definição do colega Aziz Ab'Sáber –, profundamente influenciado pelo existencialismo de Jean-Paul Sartre e pela filosofia da técnica de José Ortega y Gasset.

E Milton é categórico: no Brasil, não existem cidadãos. "Em lugar do cidadão formouse um consumidor, que aceita ser chamado de usuário." É o "cidadão mutilado" transformado no "consumidor maisque-perfeito". A glorificação da sociedade de consumo impõe a cultura de massas no lugar da cultura popular. E constrói o individualismo feroz, que detona a noção de individualidade, a qual tem tudo a ver com tomada de consciência, fundamental para o homem se entender como cidadão e reivindicar direitos e mudanças.

Mas esse estado desolador é transitório. "A história do homem se faz, em todos os tempos, da sucessão de momentos (...) de obscuridade e cegueira e de momentos de luminosidade, em que a recuperação da consciência restaura o ser humano na dignidade de viver, que também é busca e escolha de caminhos (...), e não apenas prisão do cotidiano", escreve em O Espaço do Cidadão. "Para ele, a âncora dos seres humanos está no futuro e não no passado", diz Maria Adélia, que semanas an tes da morte do ganhador do Vautrin Lud (1994), um prêmio Nobel da geografia, escutou o se guinte: "Não quero o poder nem a glória, mas terei a imortalidade." Neto de escravos, Milton Almeida dos Santos sabia ser a posteridade o seu espaço. •

